

ROUSSEAU E A “REVOLUÇÃO COPERNICA” DA EDUCAÇÃO: O CASO DA *EDUCAÇÃO NEGATIVA*¹

ROUSSEAU AND THE “COPERNICAN REVOLUTION” IN EDUCATION: THE CASE OF NEGATIVE EDUCATION

MARIA DO SOCORRO GONÇALVES DA COSTA
 Doutora em Filosofia, UFBA
 Maria.sgc@ufma.br

RESUMO

É praxe a revolução operacionalizada por Rousseau na educação moderna, mais especificamente na educação da criança. Tal revolução ficou conhecida como "revolução copernicana", por referência a Nicolau Copérnico (1473-1543), que, no século XVI mudou a teoria geocêntrica para teoria do heliocentrismo, com o sol figurando como o centro do universo e os planetas girando ao seu redor. Análogo a isso, Rousseau, faz algo parecido na educação, pois, ao invés do conteúdo ou do mestre, o mais importante na educação passa a ser a criança. Com isso, o filósofo de Genebra radicalizou a maneira de se pensar a criança e sua educação; como deveria aprender. Assim, o presente trabalho objetiva explorar a educação negativa como sendo um dos aspectos da "revolução copernicana" no pensamento de genebrino. O projeto educativo de Rousseau, calcado na educação negativa como sendo o pilar do livro *Emílio ou Da Educação*, descreve que a educação adota princípios e tende à finalidade de formar um ser humano humanizado pela educação da natureza, também caracterizada por educação negativa, forjada principalmente entre os dois e doze anos de idade. A metodologia adotada na elaboração dessa pesquisa é bibliográfica com ênfase na análise e interpretação das ideias educativas, em que serão consultadas a obra supracitada e outros autores que tratem da educação e da educação negativa em Rousseau. Concluindo-se que a educação negativa como um preceito da educação para a criança empreendida desde o nascimento do *Emílio* pretende-se a um grau mais elevado que é favorecer o florescimento da criança ao invés de se exigir que ela responda por questões morais, sociais e culturais antes da denominada idade da razão.

Palavras-chave: Rousseau. educação negativa. Revolução. criança.

ABSTRACT

The revolution operationalized by Rousseau in modern education, more specifically in the education of the child, is commonplace. This revolution became known as the "Copernican Revolution," in reference to Nicolaus Copernicus (1473-1543), who, in the sixteenth century, changed the geocentric theory to the theory of heliocentrism, with the sun figuring as the center of the universe and the planets revolving around it. Analogous to this, Rousseau does something similar in education, for, instead of the content or the master, the most important element in education becomes the child. With this, the Genevan philosopher radicalized the way of thinking about the child and their education, and how they ought to learn. Thus, the present work aims to explore negative education as one of the aspects of the "Copernican Revolution" in Rousseau's thought. Rousseau's educational project, grounded in negative education as the pillar of the book *Emile, or On Education*, describes that education adopts principles and tends towards the purpose of forming a human being humanized by the education of nature, also characterized by negative education, forged mainly between the ages of two and twelve. The methodology adopted in the elaboration of this research is bibliographic, with emphasis on the analysis and interpretation of educational ideas, consulting the aforementioned work and other authors who deal with education and negative

¹ Recebido em 12/09/2025. Aprovado em 12/10/2025.



Este trabalho está licenciado sob CC BY. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

education in Rousseau. The conclusion is that negative education, as a precept of education for the child undertaken since Émile's birth, is aimed at a higher degree which is to favor the child's flourishing instead of demanding that they answer to moral, social, and cultural questions before the so-called age of reason.

Keywords: Rousseau. Negative Education. Revolution. Child.

1. INTRODUÇÃO

Nas *Confissões* (Rousseau, 2008), livro autobiográfico, Rousseau relata sua experiência como preceptor e os percalços que enfrentou ao passar um ano sendo responsável pela educação dos filhos dos Mably, as crianças Saint-Marie e Condillac. Confessa não ter sido fácil, principalmente pelo temperamento distinto das duas crianças. Uma tinha o espírito mais ágil, aprendia com facilidade, a outra, muito lenta e aprendia com dificuldade, segundo suas impressões. Ademais, para ele, o comportamento e o temperamento do jovem Condillac lhe era quase insuportável. Assim Rousseau os caracteriza:

Um, de oito a nove anos, chamado Sainte-Marie, tinha a cara bonita, o espírito ágil, aberto, estouvado, brincalhão, malicioso, mas de uma malícia alegre. O mais novo, chamado Condillac, parecia quase estúpido, pateta, teimoso como uma mula, nada podia aprender. (Rousseau, 2008, p 243).

Para esse ofício, Rousseau disse ter preparado uma espécie de projeto/guia, que denominou *Projeto para a educação do Sr. de Saint-Marie* (Launay, 2004). Então, segundo o relato, possuía os conhecimentos necessários para exercer o ofício, que pressupunha fácil. Também a experiência dos oito dias que passou no preceptorado do jovem Chenonceaux, filho da Sra. Dupin, fez Rousseau desistir de ser professor. “Passei esses oito dias em suplício que só o prazer de obedecer a Sra. Dupin poderia tornar suportável” (Rousseau, 2008, p. 272).

Outro fenômeno que vale ser mencionado é a educação irregular que compôs a trajetória formativa ou educativa do jovem Jean-Jacques. A inconstância, a indisciplina, as viagens..., o fato de ter se tornado autodidata, talvez justifique sua resistência à educação formal. Essas experiências foram constituindo as bases para que Rousseau fosse engendrando a educação de maneira idealizada, já que na realidade a sua não tinha dado muito certo, restando-lhe então, educar uma criança de maneira fictícia, em analogia ao que Platão fez ao criar a cidade ideal.

Pode um filósofo pensar sobre algo em que foi ele mesmo tão inconstante- a educação, mais especificamente a educação de uma criança? Pode um filósofo pensar a educação de forma revolucionária? É o que Rousseau empreenderá ao seu modo e método.

Com a educação tradicional, ou seja, a educação capitaneada pelos jesuítas sofrendo seus abalos sísmicos desde o século XVII, com John Locke, e seu burburinho mitigado entre os educadores (Hazard, 1989), chegou um momento em que os paradigmas educativos não se sustentavam mais. E, embora Locke tenha sido o primeiro a dar um passo nesse corte epistemológico nos preceitos do educar, ao inserir a experiência como dado fundamental na educação infantojuvenil, era preciso ir além.

A virada fundamental é dada com Rousseau. *Emílio ou da Educação* representa a crítica a uma insatisfação no campo da educação: da escola ao conteúdo, do professor/preceptor ao aluno, no período iluminista. Assim, Emílio, criança e livro homônimos tornam-se o paladino da educação moderna, e tomariam o centro dos debates, das críticas, culminando, inclusive, no decreto de seu autor à prisão, da condenação do livro à fogueira da inquisição, por tocar no nome de Deus, ao propor uma religião natural.

Ao focar em uma criança fictícia e ter sua educação dividida em fases, indo da primeira infância à fase adulta, Rousseau apresenta ao mundo do saber, a revolução no campo educacional, pois, essa ficção que daria vida e forma à uma criança, é o que ficou conhecida como revolução na educação, numa clara referência a Copérnico e sua teoria heliocêntrica, a qual havia destituído o geocentrismo de Ptolomeu. A partir dessa premissa, queremos explorar aqui o cerne da revolução copernicana à maneira de Rousseau, que foi a educação negativa e por que ela é um caso que precisa ser melhor detalhado.

2. A IDEIA DE REVOLUÇÃO ENTRE OS ILUMINISTAS

O termo revolução remete ao século XVII, quando acontece a revolução científica como um dos eventos marcantes da Modernidade. Com a revolução científica, consequentemente, a ciência moderna, que se inicia com as obras *Sobre a revolução dos orbes celestes* de Copérnico (1453-1543), *Princípios matemáticos da filosofia natural* de Isaac Newton (1642-1727), a reforma protestante e o humanismo renascentista (Marcondes, 2006), a forma de ver o mundo se transforma; há uma verdadeira transformação no modo de interpretar a realidade onde separa-se o pensamento greco-romano da nova realidade, primeiro, nos campos da física e da astronomia, depois, com a expansão para as outros campos do saber, como a filosofia e a educação.

Tradição, autoridade, mudam suas perspectivas em razão da revolução; a ciência deixa de ser descritiva para se basear na experiência, na observação e na experimentação intervindo de forma mais ativa na natureza. Assim, o conhecimento precisou adotar novos métodos e critérios de interpretação dos fenômenos da natureza com base na cientificidade. Com a

passagem do paradigma geocêntrico para o heliocêntrico realizado por Copérnico, o conhecimento se transforma e, juntamente com Isaac Newton, Galileu (1564-1642) e Kepler (1571-1630), terá suas influências até no século XVIII, no pensamento dos iluministas. Cassirer (1992), afirma que não tem um iluminista que não tenha sofrido a influência de sir Issac Newton em suas obras.

Emmanuel Kant (1724-1804) é um dos primeiros filósofos iluministas a quem se atribui referência com relação à revolução copernicana, ao pôr no centro do conhecimento, o sujeito e não mais o objeto, pondo fim ao embate entre os empiristas e os racionalistas.

Ápice da modernidade, o iluminismo francês com sua razão iluminada operacionaliza nas humanidades, principalmente na filosofia o que outrora fora a ciência no conhecimento. Iluminar, principalmente com a razão os saberes, mesmo que elaborados sob critérios de científicidade. Nesse sentido, *O Discurso do método* de Descartes, é substituído *Regulae philosophandi* de Newton. Parte-se da análise do particular, dos fatos, dos fenômenos para o caminho que levará aos princípios, conceitos e axiomas universais. Nessa perspectiva é que Rousseau pensa a criança como um dado da realidade que precisa ser estudada em si mesma, tendo em vista sua facticidade.

3. EDUCAÇÃO POSITIVA E EDUCAÇÃO NEGATIVA NO *EMÍLIO*

Embora Locke tenha desenvolvido um ideal de educação pautado na experiência e num modelo humano – o *gentleman*, esse modelo ainda se classifica na categoria da educação positiva, pois, não rompe por completo com a educação bancária e tem uma finalidade prática dado o contexto social no qual se insere esse autor, a burguesia nascente. O *gentleman* de Locke é educado para a posição de comando tanto de suas propriedades como de seus súditos. Ademais, para Locke, era preciso adotar princípios racionais ao se educar a criança. Mas, Rousseau compartilhe a ideia de experiência de Locke na educação, rompe com seu propósito de que se “raciocinar com as crianças”. Para Rousseau, a criança sente antes de pensar, raciocinar; sua razão é uma razão sensitiva, ou seja, adquirida através dos sentidos.

Segundo (Malherbe, 2007), Locke desvaloriza estar-se à frente do trabalho, ou seja, tem a ideia de que um *gentleman* não trabalha, não usa as mãos, mas é educado para gerenciar suas propriedades, seus negócios e seus funcionários e isso são valores de uma educação positiva, isto é tradicional. Já o tema do trabalho em Rousseau ganha outro viés, que é o emprego das mãos como uma das finalidades de usar o corpo e seus órgãos para o desenvolvimento de suas habilidades sensoriais, racionais e emotivas, e para aperfeiçoar o raciocínio. Então, se em Locke, a educação da criança visa formar seu espírito antes de uma

certa idade, sem o desenvolvimento paritário do corpo, e dar a conhecer seus deveres de homem, essa educação é positiva.

Em dois momentos Rousseau se remete à educação negativa, o primeiro, no *Emílio*, livro II e o segundo, na *Carta a Christoph de Beaumont*, carta que escreveu ao arcebispo de Paris, por ocasião deste contestar as ideias religiosas contidas na obra de Rousseau. Citando Rousseau:

A educação primeira deve portanto ser puramente negativa. Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro. Se pudesseis conduzir vosso aluno sôlo e robusto até a idade de doze anos, sem que ele soubesse distinguir sua mão direita de sua esquerda, logo às vossas primeiras lições os olhos de seu entendimento se abririam para a razão. Sem preconceitos, sem hábitos, nada teria ele em si que pudesse contrariar o resultado de vossos cuidados. Logo, ele se tornaria, em vossas mãos, o mais sensato dos homens; e começando por nada fazer, terieis feito um prodígio de educação. (Rousseau, 1995, p. 80).

A educação negativa, pode ser compreendida como contrária à educação da tradição, à educação jesuíta e até mesmo à educação segundo Locke, que se baseava na razão e não na sensibilidade. A educação negativa no, e para Emílio, visa ao aperfeiçoamento dos órgãos dos sentidos, tornando-se um aprendizado da razão sensitiva; a educação dos sentidos é a primeira a ser desenvolvida e aperfeiçoada mediante as experiências a que a criança é submetida; não tem mediação livresca, podemos dizer que ela é pura, direta com o mundo que o rodeia. Essa experiência é toda conduzida pelo preceptor Jean-Jacques.

Por não ser mediada, ou seja, não ter intervenção livresca ou escolar, a educação negativa faz florescer as potencialidades corporais da criança, a faz aprender a se conhecer, conhecer o mundo, a explorar suas capacidades, a ter censo, a medir-se com tudo o que a cerca, a desenvolver o raciocínio, o pensamento crítico por si mesma. A educação positiva é o contrário de tudo isso. Como diz Rousseau, a criança recebe os conhecimentos, pois, se queria à época, uma criança racional, como pretendia Locke; se queria uma criança falante, que soubesse outro idioma mais do que sua língua materna, sem ao menos refletir sobre o que aprendia ou que falasse. Com a educação positiva, tem-se crianças educadas de maneira funcional, aprende os deveres do homem, principalmente os deveres morais sem ao menos saber o que é ser homem ou o que é moralidade. A educação positiva educa para o trabalho, para que se pudesse assumir uma posição social

O tempo da educação negativa não é linear como pressupõe a educação positiva, embora Rousseau a pense num intervalo de doze anos. É o tempo da ociosidade, do ser criança que aprende e apreende a si mesma e ao mundo. É o tempo da proteção dos vícios e da falsa virtude; a educação negativa “não produz virtudes, mas evita os vícios”. A educação

positiva é aquela das guirlandas de flores (Rousseau, 1978), a educação do verniz (Boto, 2010). A educação negativa é a da forja do homem, do homem de si, como aprendeu a sê-lo Robinson Crusoé, o naufrago da Ilha que precisou aprender a sobreviver.

Essa passagem do livro 2, sobre a educação negativa, precisamente quando começa a segunda fase da educação da natureza, a educação primeira, portanto é extensiva de zero a doze anos. A mais complicada e a que requer mais cuidado. Rousseau não quer uma criança virtuosa ou racional, feita por intermédio de livros, a não ser o livro da natureza, também não quer uma criança moralista, pois não entende de virtudes, não precisa aprender preceitos morais, pois não comprehende a moralidade. Assim, desobriga a criança de várias responsabilidades, algo muito difícil de aceitar quando se vive em sociedade.

A idade da natureza, ou seja, da educação negativa é, para usar os termos de Kawauche (2021), a idade “da liberdade e da necessidade”. Liberdade bem regrada, para que os desejos do corpo não ultrapassem os limites da mente. Livre pelo corpo, ter ao alcance da mão o que pode, não o que deve; a necessidade não precisa ser mais do que o corpo precisa, alimento, repouso, proteção. Um homem precisa aprender suas verdadeiras necessidades, não aquelas que a imaginação impõe. Rousseau trabalha muito bem esses elementos como um sábio, o filósofo pedagogo, trabalha na desnaturação da criança de modo a mantê-la com aspectos da natureza.

O segundo momento em que Rousseau se refere à educação negativa é na *Carta a Christoph de Beaumont*. Nessa Carta, Rousseau reafirma os preceitos da educação negativa dita no Emílio e a torna sua acepção ainda mais clara e enfática.

Denomino educação positiva aquela que pretende formar o espírito antes da idade e dar à criança um conhecimento dos deveres do homem. Chamo educação negativa aquela que procura aperfeiçoar os órgãos, instrumentos de nosso conhecimento, antes de nos dar esses próprios conhecimentos e nos preparar para a razão pelo exercício dos sentidos. A educação negativa não é ociosa, muito ao contrário. Não produz virtudes, mas evita os vícios; não ensina a verdade, mas protege do erro. Ela prepara a criança para tudo o que pode conduzi-la, quando estiver em condições de entendê-la, e ao bem, quando em condição de amá-lo.” (Rousseau, 2005, p. 57).

Aqui, Rousseau é ainda mais claro, a educação negativa, que compreende doze anos é a forma pela qual Emílio está sendo educado; a que aperfeiçoa os órgãos dos sentidos desenvolvendo nele a razão sensitiva, esta, instrumento do conhecimento prévio à elaboração de qualquer saber científico. A educação negativa prepara, prepara a criança para tudo o que ela quiser, quando tiver em condições de entender, inclusive para o bem, segundo Rousseau. O conhecimento é construção, criação, resultado de empreendimento intelectual, como

defendem os empiristas, como Locke, e uma criança, segundo Rousseau, não teria tal capacidade de elaborar ideias complexas² que compreendem as ciências em geral.

Se das três educaçãoes (natureza, homens e coisas), uma é a dos homens, na educação negativa, ela cabe ao preceptor, pois ela se dá segundo o seu planejamento. Ele se adianta ao próximo passo, pois, ele mesmo tornou-se homem e sabe ensinar outro a sê-lo também.

Rousseau é um feitor de mundos, de possibilidades. O cuidado como o jardim (Paiva, 2024), o cultivo por Julie com a feitura do vinho pelas mãos dela, tudo muito verossímil ao ponto de parecer o verdadeiro, o exportado, o de outro lugar, mas feito com esmero. Todo esse fazer rousseauiano é vergado para o cuidado/cultivo dessa criança fictícia que é o menino. Com doze anos é possível apresentá-lo ao mundo, mas sem dever nada a uma criança comum em seu modo de ser; também é criança, mas não como a criança educada pela educação positiva. Onde estava? Sendo “feito”. Assim são as atitudes dessa criança aos doze anos, não tem hábitos, virtudes ou vícios. Assim ele apresenta Emílio do alto dos seus doze anos:

- 1) Não tenhais medo de que se assenhoreie de vós, que pretenda com que vós vos ocupeis dele tão somente e que não possais mais satisfazer-vos;
- 2) Esperai dele unicamente verdade ingênua e simples, sem ornato, sem arranjo e sem vaidade [...]; usará da palavra em toda a simplicidade de sua primeira instituição;
- 3) Suas ideias são limitadas, mas nítidas; ele nada sabe de cor, mas sabe muito por experiência; se lê menos bem que outra criança em vossos livros, lê melhor no da natureza; seu espírito não está em sua língua, está em sua cabeça; tem menos memória que julgamento;
- 4) Não sabe o que seja rotina, uso, hábito; não adota nunca uma fórmula, age como lhe convém. Por isso, não espereis dele discursos ditados nem modos estudados, e sim, sempre a expressão fiel de suas ideias e a conduta que nasce de suas inclinações.

Com doze anos é assim que Emílio age e pensa. Lembremos aqui que Julie, a personagem de seu romance foi tão bem construída que se pedia a Rousseau um retrato dela (assim ele relata nas *Confissões*), quando do sucesso de seu best-seller, *Júlia ou a Nova Heloísa*. Com doze anos, Emílio foi tão bem educado que parece tê-lo sido nos moldes tradicionais, ou seja, pela educação positiva, mas é melhor e nada deve à educação tradicional, à educação positiva. E pede que se note bem a diferença entre as duas crianças, a sua e a dos demais educadores:

² Em outro trabalho, discorri sobre a proposta de Rousseau para a relação do Emílio com as ciências e as artes.

Vereis logo qual a mais realmente formada, quem mais se aproxima da perfeição de sua idade. Entre as crianças da cidade nenhuma é mais esperta do que ela, mas ela é mais forte do que qualquer outra. Entre os jovens camponeses ela os iguala em força e os ultrapassa em habilidade. Em tudo o que está ao alcance da infância, ela julga, raciocina, prevê melhor do que outros. Trata-se de agir, de correr, de pular, de sacudir alguma coisa, de carregar pesos, de calcular distâncias, de inventar jogos, de ganhar prêmios? Dir-se-á que a natureza está às suas ordens a tal ponto ela sabe dobrar as coisas à sua vontade. Ela é feita para guiar, para governar seus iguais: o talento e a experiência dão-lhe direito e autoridade. Dai-lhe o traje e o nome que vos agradar, pouco importa, ela brilhará em toda parte, em toda parte se tornará chefe dos outros; estes sentirão sempre sua superioridade; sem querer comandar ele será o senhor; sem pensar em obedecer, os outros obedecerão. (Rousseau, 1995, p. 169).

Aos doze anos Emílio encontra-se em condições ou mesmo preparado para lidar com algumas situações futuras que lhe serão inerentes. Está prepara para lidar com os outros, com o trabalho, as paixões, moralidade, a condição humana, a sociedade, a política, o compromisso social que é o casamento, pois, tudo isso depende da educação recebida até os doze anos. De todos os saberes, o que mais sabe é sobre a condição humana, sua condição, mas, a educação negativa o preparou para os demais. Está exatamente no lugar que deveria estar, suas paixões, memória, necessidades do corpo e do espírito coincidem.

Para Boto (2010), Rousseau construiu o Emílio enquanto criança, de forma atemporal, por isso também uma ficção, e, embora alguns adeptos da escola nova, como Pestalozzi (1746-1827), tenham tentado aplica-lo na prática, não deu muito certo. *Emílio* é para refletir sobre o ato de educar as crianças, que tem compromisso com a verdade universal, mas não com a realidade factual. Por outro lado, para Burgelin (1969), Rousseau aplica os princípios de ordem e desordem, entre a natureza da criança e a desnaturação dela por meio do preceptor que é quem melhor equilibra a inserção do Emílio na sociedade corrompida. O preceptor, nesse caso, é uma figura crucial na condução da educação negativa, pois ele sabe o que deve ou não entrar como “conteúdo” em cada fase de aprendizagem da criança imaginária.

Boto (2010, p. 250), destaca que,

O Rousseau-preceptor não é contrário à formação de rotinas e de hábitos de civilidade. Formar a polidez, no entanto, não será tarefa precípua da instrução. Parece mais importante a Rousseau firmar o espírito e cultivar a retidão de caráter. Por isso, a ordem que o filósofo conferirá a suas finalidades pedagógicas será a seguinte: desenvolver sucessivamente coração, juízo e espírito. Será imprescindível oferecer às crianças meios de compreenderem seus deveres de humanidade.

De Plutarco a Locke, ninguém propôs uma contra-educação como Rousseau. Certo é que autores como Philipe Ariès (1981), que construiu uma história social da criança, dá créditos a Rousseau, pois, com este, a criança é tratada como tal, muito embora ela só tenha adquirido status de importância na família, no século XIII e isso, à medida em que os pais se deram conta de que ela poderia não sobreviver e passou-se a representá-las nos quadros de

pintura representado a família. E mesmo assim, retratadas como adultos em miniatura. Claparède (1905), por exemplo, afirma que Rousseau tratou a infância de modo científico porque enquanto ciência, tem na criança seu objeto de estudo. E, nos dias atuais, é quase impossível não considerar Rousseau um revolucionário em seu modelo de educar Emílio, a criança imaginária, revolução aqui, denominada “revolução copernicana”, sendo a educação negativa a expressão maior dessa revolução.

Segundo Fragoso (1989, p. 98),

Rousseau concebe a ‘educação negativa’ exatamente como a retirada das amarras. A ‘educação positiva’, a educação que socializa em função do estado, que forma o cidadão, é aquela que se caracteriza positivamente por transmitir às novas gerações o estoque cultural da civilização, estoque que vai soterrar a natureza original das pessoas e sobrepor-lhes uma nova natureza, aquela que convém ao estado de sociedade.

4. CONCLUSÃO

Como cientista e filósofo, Copérnico deu início à ideia de revolução que iria reverberar as ciências de modo geral a partir do século XVII mudando toda uma realidade teórica e prática, influenciando, inclusive, os filósofos do século XVIII, a exemplo de Kant e Rousseau. Tomando aqui a acepção de “revolução copernicana” em Rousseau, o caso da educação negativa, não pretendemos esgotar o debate, mas trazer à tona a importância desse discurso suscitado por Rousseau no *Emílio ou da Educação*, o qual, muitas vezes passa despercebido.

Entendemos a educação negativa como uma espécie de revolução copernicana, pois, não somente Rousseau muda a perspectiva da educação ao pôr no centro não os conteúdos, mas a própria criança e seu universo. É essa mudança que é revolucionária, pois os lugares são mudados e transformados. Para além disso, o filósofo radicaliza ainda mais essa perspectiva, pois, a educação negativa tornou-se o cerne dessa revolução. A educação negativa é também a crítica do pensamento rousseauiano contra o tradicionalismo na educação, escola, conteúdo e professor. Categorias que são ressignificadas na obra de 1962.

A educação negativa propõe ao aprendiz, por intermédio do preceptor Jean-Jacques, aprendizado sem livros. O preceptor se antecipa ao próximo passo e condiciona as experiências que fazem sentido para o menino, principalmente entre dois e doze anos, abrangência dessa educação. Pela educação negativa, o corpo é posto em movimento e em contato com as coisas para que suas habilidades sensoriais e não a racionalidade seja desenvolvida em primeiro lugar. O preceptor prepara as experiências para que seu aprendiz seja desnaturado e torne-se humano e humanizado, numa formação humana sólida. Através dela, aprende os princípios dos saberes não pelos livros, mas pelo contato com o mundo dos

fatos, das coisas mesmas, mesmo assim, será tão sábia quanto qualquer outra criança de seu tempo.

A educação negativa prepara e desenvolve a sensibilidade, o julgamento, o senso comum, a razão sensitiva, contrariando o preceito lockeano, do uso razão para o aprendizado da criança. A educação negativa favorece o justo equilíbrio entre corpo, mente, necessidades e imaginação.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1981.
- BOTO, Carlota. A invenção do Emílio como conjectura: opção metodológica da escrita de Rousseau. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 207-225, jan./abr. 2010.
- BURGELIN, Pierre. Présentés et annotés. In: **Oeuvres Complètes**. Paris: Gallimard, Bibliothèque de La Pléiade, tome. IV (1969).
- CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Iluminismo**. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- CLAPARÈDE, Édouard. J.-J Rousseau et La Conception Fonctionnelle de L'enfance. **Annales de la Société jean-Jacques Rousseau**, Genéve, v. I, 1905.
- DANY, Raymond. **Émile**: Rousseau. Collection dirigée par Jean-Pierre Zarader. 15. ed. Paris: Édition Marketing S. A, 1998.
- VIEIRA, Epitácio Fragoso. **O senso antropológico em Rousseau**. Recife: Editora da UFPE, 1989.
- HAZARD, Paul. **O Pensamento Europeu no Século XVIII – de Montesquieu a Lessing**. 3. ed. Lisboa: Editora Presença, 1989.
- LOCKE, John. **Quelques Pensées Sur L' Éducation**. Traduction G. Compayré. Paris: Librairie Philosophique J. VRIN, 2007.
- PAIVA, Wilson Alves de. Não vejo traços da mão humana. In: **A estátua de Glauco - oito conferências em Rousseau**. Edição Loyola: São Paulo, 2024.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral**. Tradução de José Oscar de A. Marques [et al.]. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1995.